

СЯЦЕЛЬДАДЕ



SCOTT BERGSTYOM

Tradução
ÁLVARO HATTNHER

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Scott Bergstrom
Tradução publicada mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, SL,
em associação com Adams Literary. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafa atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

As citações originais utilizadas nesta edição foram retiradas de *Como morrem os pobres e outros ensaios*, de George Orwell (Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011) e *O estrangeiro*, de Albert Camus (Trad. de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2005).

TÍTULO ORIGINAL The Cruelty

CAPA kakofonia.com

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bergstrom, Scott

Crueldade / Scott Bergstrom ; tradução Álvaro Hattnher. —
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: The Cruelty.

ISBN 978-85-5534-039-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-03475

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinte

 editoraseguinteoficial

*Para Jana,
a destemida*

*Parte do motivo da feiura dos adultos, aos olhos
de uma criança, é que ela em geral olha para cima,
e poucos rostos parecem melhores quando vistos de baixo.*

George Orwell

Um

OS MENINOS AGUARDAM A DECAPITAÇÃO. Estão muito atentos, esperando a lâmina descer como hienas impacientes. Mas, se tivessem se dado ao trabalho de ler o livro, saberiam que ela não desce. O livro simplesmente acaba. Como um filme que é desligado antes da cena final. Ou como a vida, na verdade. As pessoas quase nunca veem a lâmina descer, aquela que vai pegá-las.

Nosso professor, o sr. Lawrence, lê as palavras lentamente, passando a mão no tufo horrível de barba sob os lábios, enquanto anda de um lado para o outro. A batida leve de seus passos sobre o piso de linóleo — calcanhar-ponta do pé, calcanhar-ponta do pé — dá a impressão de que ele está querendo pegar as palavras de surpresa.

— “Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo.”

Os passos param quando o sr. Lawrence chega à carteira de Luke Bontemp e bate na cabeça do garoto com a lombada do livro. Luke está mandando uma mensagem pelo celular escondido sob o casaco.

— Guarde isso ou vou tirar de você — diz o sr. Lawrence.

Luke coloca o telefone no bolso.

— Sobre o que você acha que Camus está falando aqui?

Luke dá o sorriso que fez com que se safasse de tudo ao longo da vida. Pobre Luke, penso. Bonito, inútil e burro. Ouvi falar que o tatar-

vô dele ganhou uma fortuna vendendo petróleo para os alemães e aço para os ingleses durante a Primeira Guerra Mundial, e desde então ninguém da família dele teve que trabalhar. Luke é um herdeiro, então qual é o propósito de ler Camus?

— “A terna indiferença do mundo” — repete o sr. Lawrence. — O que você acha que é isso?

Luke enche os pulmões. Quase consigo ouvir a rodinha de hamster rangendo dentro da cabeça dele, sob aquele cabelo incrível.

— Terna — Luke diz. — Dá pra um coração ser terno, né? Talvez Camus esteja dizendo que o mundo é tipo coração de mãe, tem espaço pra todo mundo, sabe?

Noventa e nove por cento da classe ri, incluindo Luke. Sou a única que fica em silêncio. Li *O estrangeiro* quando tinha catorze anos, no original, em francês. Não tive vontade de reler quando o sr. Lawrence indicou uma tradução para nossa aula de literatura. É a história de um cara chamado Meursault, cuja mãe morre. Ele mata um árabe e é sentenciado à morte. O livro acaba no momento em que ele vai ter a cabeça cortada em público. Camus não mostra a decapitação de fato.

Eu me viro para a janela, onde a chuva ainda bate, seu ritmo arrastando todos na sala para uma espécie de transe sonolento cada vez maior. Posso ver os contornos dos edifícios na rua 63, seus beirais retorcidos e disformes através da água que se acumula no vidro, tornando a imagem mais parecida com a memória dos edifícios do que a coisa real.

Embora estejamos discutindo a última parte de *O estrangeiro*, são as primeiras linhas que sempre ficaram comigo. “Aujourd’hui, maman est mort. Ou peut-être hier, je ne sais pas.” O que quer dizer: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem”.

Mas eu sei. Sei exatamente quando mamãe morreu. Faz dez anos. Eu só tinha sete anos na época, e estava lá. Às vezes me lembro daquele momento em pequenos esboços e vinhetas, mas nunca consegui reconstituirlo inteiramente, do começo ao fim. Meu antigo psicólogo disse que era normal, que ficaria mais fácil com o tempo. Não ficou.

— O que acha, Gwendolyn? — o sr. Lawrence pergunta.

Ouço a voz dele. Compreendo a pergunta. Mas minha mente está longe demais para responder. Estou no banco traseiro do velho Honda, meus olhos quase fechados, a cabeça encostada no vidro frio. O ritmo do carro chacoalhando em uma rua de terra de Argel me dá sono. Então o som monótono dos pneus muda e minha mãe solta um grito sufocado. Abro os olhos e vejo fogo além do para-brisa.

— Gwendolyn Bloom! Chamando Gwendolyn Bloom!

Volto depressa para o presente e me viro para o sr. Lawrence. Ele está com as mãos em volta da boca como um megafone.

— Chamando Gwendolyn Bloom! — diz. — Pode explicar o que Camus quis dizer com “a terna indiferença do mundo”?

Embora parte de minha mente ainda esteja no interior do Honda, começo a falar. É uma resposta longa e boa, acho. Mas o sr. Lawrence me olha com um sorriso afetado. Só ouço as risadas depois de uns vinte segundos.

— Em inglês, por favor — diz o sr. Lawrence, arqueando uma das sobrancelhas e olhando para o resto da classe.

— O quê? — digo em voz baixa, arrumando a saia do uniforme e colocando uma mecha do meu cabelo vermelho berrante atrás da orelha.

— Você estava falando em francês, Gwendolyn — diz o sr. Lawrence.

— Desculpe. Eu estava... pensando em outra coisa.

— Você deveria estar pensando na terna indiferença do mundo — ele diz.

Ouço uma das meninas atrás de mim cantarolar:

— Dá pra ser um pouco mais esnobe? — Ela revira os olhos para causar efeito.

Viro e vejo que é Astrid Foogle. Ela também tem dezessete anos, embora aparente no mínimo vinte e um. O pai dela é dono de uma companhia de aviação.

— Chega, Astrid — diz o sr. Lawrence.

Lanço um olhar fulminante para ela. Astrid Foogle — cujos brincos

valem mais do que tudo o que tem no meu apartamento — acabou de me chamar de esnobe.

— Tipo, ela cai aqui de paraquedas no começo do ano, vinda de sabe-se lá onde com esse ar de superioridade. Agora resolveu falar francês, pra não se misturar com os americanos idiotas. *Muito* sofisticada. O único detalhe é que mora num trailer... — Ela continua.

O sr. Lawrence a repreende:

— Pare com isso, Astrid. Agora.

Alguns dos garotos estão assentindo, em concordância com Astrid; outros estão rindo. Posso sentir meu corpo tremer, e o rosto queimar. Cada sinapse tenta afastar a reação à força, mas não consigo. Por que a raiva tem que ser tão parecida com a humilhação?

— Olha só. Ela está chorando — diz o garoto sentado ao lado de Astrid, Connor Monroe, sorrindo com malícia.

O que não é verdade, mas, como ele disse, passa a ser. *kkkkkkkk a doida da gwenny bloom chorou na aula #esnobepretensiosa #tosca*.

O sinal toca e, como um gatilho pavloviano, manda todo mundo se amontoar pra sair da sala. O sr. Lawrence ergue o livro no ar em uma triste tentativa de manter a ordem, gritando:

— Continuamos daqui amanhã. — Depois, vira para mim e diz: — E com você, Bloom. Vai ter a noite toda para refletir sobre a terna indiferença do mundo, então quero algo interessante. E em inglês, *please*.

Faço que sim com a cabeça e junto minhas coisas. Quando saio da sala, vejo Astrid Foogle em frente ao seu armário e cercada por suas seguidoras, como sempre. Está me imitando, fazendo um monólogo em falso francês, com os ombros curvados e empinando o nariz com o indicador.

Passo por ela e suas amigas com os olhos abaixados, na postura típica dos subalternos, para chegar até meu armário. Mas Astrid me vê, sei disso porque ela e suas amigas ficam em silêncio e ouço os saltos de seus sapatos — Prada — vindo em minha direção.

— Ei, Gwenny — ela começa. — Uma pergunta pra você. Como se diz “suicídio nunca é a solução” em francês?

Eu a ignoro e continuo andando, esperando o golpe fatal — meu ou dela, tanto faz. Meu rosto queima, e a raiva se transforma em fúria e depois em qualquer outra coisa ainda mais forte. Só posso imaginar como estou parecendo. Cruzo os braços trêmulos.

— Sério — Astrid continua. — Uma pessoa como você deve pensar em suicídio de vez em quando. É inevitável. Então, *s'il vous plaît*, como se diz, Gwenny? *En Français*?

Viro para trás e as palavras jorram da minha boca.

— *Va te faire foutre*.

Astrid para e por meio segundo — não, menos que isso — vejo medo em seu rosto. Mas então ela lembra de que está em seu reino, cercada por súditos, e a outra face retorna. Ela arqueia as sobrancelhas perfeitas.

— Astrid, ela acabou de mandar você se foder. — Uma de suas amigas, Chelsea Bunchman, diz com um sorriso.

A boca de Astrid se abre em um O, e eu ouço um gritinho abafado saindo.

— Sua bostinha — ela diz, e dá um passo à frente.

Vejo o tapa antes de senti-lo, mas não faço nada para impedir. Em vez disso, eu me encolho, afundando a cabeça no pescoço e o pescoço nos ombros. É forte — Astrid enche a mão —, e minha cabeça vira com o impacto. Uma das unhas dela arranha meu rosto.

Uma multidão começa a se formar. Vejo as caras sorridentes de Luke Bontemp, Connor Monroe e de uma dúzia de alunos de olhos arregalados, mais entusiasmados do que chocados com a cena. Formam uma rodinha em torno de nós duas, como se estivéssemos em uma arena. Isso é entretenimento, percebo. Noto que Astrid não me esmurrhou, chutou ou puxou meu cabelo. De maneira muito calma, muito deliberada, me deu um tapa no rosto. Era a Senhora, com “s” maiúsculo, estapeando a criada, com “c” minúsculo.

Em vez de devolver o tapa — eu nunca faria isso, a quem quero enganar? —, fecho os olhos, a humilhação me envolvendo como o vento do Saara que senti durante tantos dias, quente e severo. Uma

voz de adulto manda todo mundo se afastar. Quando abro os olhos, um professor de meia-idade, cujo nome não sei, está parado ali com as mãos nos bolsos da calça cáqui. Seus olhos viajam de Astrid para mim e para ela outra vez.

— O que aconteceu? — ele pergunta a Astrid.

— Ela me mandou... não quero dizer. É um palavrão.

O tom de voz dela é recatado e ofendido.

— Isso é verdade? — ele diz, olhando para mim.

Abro a boca, pronta para contar que Astrid me deu um tapa. Em vez disso, apenas digo:

— É.

O estrangeiro é o título do livro que estamos estudando na aula de literatura, mas também sou eu. Em todos os sentidos — estranha, forasteira, de fora. Tecnicamente, sou americana. É isso que meu passaporte diz. Mas não nasci aqui e, até o começo do ano letivo, em setembro passado, eu só tinha morado nos Estados Unidos durante dezoito meses, logo depois que minha mãe morreu. Nós — meu pai e eu — viemos para Nova York para que ele pudesse assumir um posto nas Nações Unidas, que não é muito longe da minha escola, a Danton.

Meu pai nunca conseguiria pagar um lugar como a Danton com seus próprios recursos. Mas ele é um diplomata, e um dos benefícios do cargo é escola particular para os filhos. Dependendo do país em que se está, há uma única escola boa em quase dois mil quilômetros, então você acaba estudando com os filhos do presidente, do rei ou de um ditador terrível. Isso me aconteceu uma vez. O filho babaca de um presidente babaca sentava ao meu lado na aula de matemática. Usava sapatos feitos especialmente para ele em Viena, que custavam cinco mil dólares, enquanto havia crianças morrendo de fome do outro lado das paredes da escola.

Não que em Danton seja muito diferente. Aqui, os alunos são filhos de presidentes, reis e ditadores também — só que de empresas, em vez

de países. A maioria de meus colegas de classe sempre foi rica. Em geral, a única pessoa pobre que conhecem é o garoto estrangeiro que entrega as compras do mercado ou as roupas da lavanderia. O que meu pai ganha seria considerado um bom salário em qualquer outro lugar do mundo, mas para os alunos de Danton nós somos miseráveis.

Sentada no banco do lado de fora da sala da vice-diretora, fico mexendo na saia do uniforme — *odeio* saias — puxando a barra para que chegue até minhas meias pretas, alisando os vincos. Os uniformes são uma tentativa de nos igualar, suponho, mas não há nenhuma restrição a respeito de sapatos. Assim, a riqueza e a lealdade aos grupos são indicadas através dos pés: escarpins da Prada e mocassins da Gucci para as famílias tradicionais; sapatilhas Louboutin e tênis Miu para os novos-ricos. Apenas dois alunos usam botas Dr. Martens: eu e o filho de um artista, que o pessoal só tolera por ser um fornecedor confiável de remédios tarja preta. Minhas botas são vermelhas e surradas; as dele, pretas e brilhantes.

Não que faria alguma diferença caso eu de repente aparecesse usando Prada. Não pareço Astrid Foogle ou qualquer outro. Sou muito alta, tenho cintura larga, nariz comprido e boca grande. Tudo é meio excessivo em mim. Meu pai e meu médico dizem que não há nada de errado — são os hormônios, os músculos de todos os anos de ginástica. Cada pessoa tem uma constituição diferente, a beleza é uma convenção aleatória etc. e tal. Mas é o papel deles me dizer coisas assim. Então, pinto meu cabelo em casa com a melhor tinta da farmácia, amarro minhas botas Dr. Martens e finjo não me importar.

A vice-diretora finalmente sai da sala com um sorriso condescendente e uma falsa preocupação. O nome dela é srta. Wasserman, e ela parece estar sempre em meio a uma nuvem de perfume e de alegria açucarada, como se a qualquer instante um passarinho de desenho animado pudesse pousar em seu dedo.

— Como você está? — ela pergunta enquanto entramos na sala.

— Ótima — digo, afundando em uma poltrona de couro vermelha.

— Simplesmente perfeita.

A srta. Wasserman junta as pontas dos dedos como um indicativo de que vamos começar uma conversa séria.

— Fiquei sabendo que o seu relacionamento com uma colega de sala tem sido um tanto desafiador — ela diz.

Eu me seguro para não revirar os olhos diante de tanta babaquice e eufemismo. A questão é: noventa e cinco por cento dos alunos da Danton são brancos, protestantes e milionários. Os outros cinco por cento estão aqui com bolsa de estudos ou por cortesia diplomática. Os riquinhos não gostam da gente, os “cinco por cento”, como somos conhecidos. Mas, por algum motivo, nós ajudamos pessoas como a srta. Wasserman a fingir que a Danton *não* é uma fábrica de idiotas elitistas.

— Você atende por Gwen ou Gwendolyn, querida? — Ela consulta uma pasta de arquivo.

— Gwendolyn — digo. — Só meu pai me chama de Gwen.

— Tudo bem — diz a srta. Wasserman, com um sorriso adocicado.

— O que diz aqui está correto, Gwendolyn? Você tem proficiência em, puxa vida, cinco línguas estrangeiras?

— A gente sempre mudou muito — digo, dando de ombros.

— Estou vendo. Moscou. Dubai. Mesmo assim. É uma habilidade e tanto. — Ela passa o indicador sobre uma linha na pasta. — Não deve ser fácil ter um padrasto no Departamento de Estado. Mudar de cidade de tempos em tempos. De país.

— Pode dizer apenas *pai*.

— Como?

— Ele não é meu padrasto. Me adotou quando casou com a minha mãe. Eu tinha dois anos.

— Claro. Como quiser. — A srta. Wasserman balança a cabeça enquanto anota alguma coisa no papel à sua frente. — Agora o motivo de você estar aqui: Danton é um espaço seguro, Gwendolyn, e temos uma política de tolerância zero com comportamentos rudes.

— Certo. Conforme o manual diz.

— Isso inclui ofender o corpo docente ou os alunos, o que significa que, quando você xingou sua colega em francês, violou as regras.

— Astrid não compreendeu uma palavra do que eu disse até que Chelsea Bunchman traduzisse.

— A questão é que você disse algo ofensivo, Gwendolyn. Não importa se em francês ou em suaíli.

— Importa se ela não entendeu.

— Isso é semântica — ela diz. — Você conhece essa palavra? *Semântica*?

— Sim, é o estudo do significado das palavras. E é exatamente do que estou falando.

Noto que os músculos de seu rosto enrijeceram. Ela pega uma caneta e a segura com tanta força que acho que vai quebrar.

— Vejo que é o aniversário da morte da sua mãe. Sinto muito — diz a srta. Wasserman com delicadeza. Eu percebo que isso a deixa constrangida, parece que não sabe o que fazer comigo. Punir uma garota por causa de um *relacionamento desafiador* no dia do aniversário da *morte* da mãe? A srta. Wasserman cobre a boca com a mão para tossir e depois continua. — A consequência por xingar outro aluno costuma ser um dia de suspensão. Mas, diante das circunstâncias, estou disposta a me contentar com um pedido de desculpas por escrito para a srta. Foogle.

— Quer que eu peça desculpas a Astrid?

— Sim, querida.

Era uma saída fácil e a escolha óbvia. Eu me reclino na cadeira e tento sorrir.

— Não, obrigada — digo. — Fico com a suspensão.

Ainda está chovendo, aquele tipo de chuva gelada que pode se tornar neve mais tarde. Março está ruim este ano, sem luz do sol ou sinal da primavera. Somente céus cinzentos e o fedor do lixo de Nova York correndo pelas sarjetas. Suvs pretas estão enfileiradas no meio-fio, a versão de Danton dos ônibus escolares. Os alunos mais ricos pegam essas pequenas limusines particulares para não ter que sofrer a indignidade de voltar para casa a pé ou de metrô.

Estou indo para a estação, que fica a alguns quarteirões de distância. Não tenho guarda-chuva, então só coloco o capuz do meu velho casaco militar. Era da minha mãe, do tempo em que ela era tenente, muito antes de eu nascer. Quando meu pai e eu estávamos nos mudando alguns anos atrás — de Dubai para Moscou, talvez, nossos dois últimos postos —, encontrei o casaco em uma caixa. Ele ficou emocionado quando o vesti, então fiz menção de tirá-lo, mas meu pai disse que ficava bem em mim e que eu poderia usar se quisesse.

Minha mãe. Passei o dia inteiro tentando evitar o assunto e teria conseguido, não fosse a aula de literatura. É difícil não pensar nela quando se passa uma hora falando da justiça de Argélia.

A chuva bate em meu rosto e me acalma. Um sujeito com um lenço *kaffiyeh* preto e verde em volta do pescoço se abriga sob o toldo de seu carrinho de kebab bem na entrada da estação do metrô. Em árabe, peço um e digo que ele não precisa economizar na carne.

O homem me dá um sorriso surpreso, os olhos apertados, e eu me pergunto se ele me entendeu. Meu árabe está enferrujado. Fora isso, ninguém usa uma linguagem tão formal quanto eu, a não ser na TV.

— Você é egípcia? — ele pergunta enquanto usa um pegador metálico para encher um pão pita de cordeiro.

— Não — respondo. — Sou... daqui.

Ouço diversas variações da pergunta “Você é X?”. Meus olhos são castanhos, minha pele é uma espécie de véu pálido e translúcido sobre alguma outra coisa — metal debaixo de papel de seda, um garoto chocado me disse certa vez no metrô de Moscou. Mas não faço a menor ideia do que o X pode ser. Não posso mais perguntar à minha mãe, e meu pai, que é meu pai tanto legalmente quanto em qualquer outro sentido, a não ser em um, diz que não sabe. O nome do meu pai biológico não está registrado na minha certidão de nascimento em Lands-tuhl, um hospital militar americano na Alemanha.

— Um kebab especial para a Cleópatra — diz o homem, colocando cebola e o molho branco e amargo que eu tanto adoro. Acho que beberia uns cinco litros dele se pudesse.

Devoro o kebab na plataforma do metrô. Não tinha percebido que estava com tanta fome. Talvez seja consequência de ter sido esbofeteada. Estou esperando o trem N ou o Q para o Queens. Queria que já tivesse chegado. Queria que viesse logo para que eu pudesse me distanciar desta ilha e das lembranças que Camus desenterrou.

No mesmo instante, como se meu desejo fosse atendido, os freios do trem Q guincham até ele parar na minha frente. Jogo a bola melada de papel-alumínio do kebab em uma lata de lixo e entro no vagão.

A maioria das pessoas odeia o metrô, mas não eu. Ficar sozinha entre as centenas de pessoas no vagão é uma coisa estranha e maravilhosa. Tiro um livro da mochila e me apoio na porta enquanto o trem dispara através do túnel sob o rio em direção ao Queens. É um romance com uma heroína adolescente que se passa em um futuro distópico. Não importa muito qual, porque eles são todos parecidos. Pobre heroína adolescente, tendo que ir para a guerra quando tudo que ela realmente quer fazer é fugir com aquele garoto bonito e viver de frutas silvestres e amor. Mundos de papel onde os heróis de fato existem.

Mas, à medida que o trem rasga a escuridão, balançando para a frente e para trás, como se a qualquer momento fosse voar dos trilhos, eu me vejo incapaz de acompanhar a história ou mesmo traduzir os símbolos na página em palavras. As lembranças simplesmente não vão me deixar fugir desta vez. Elas exigem ser reconhecidas, persistentes como o tapa de Astrid.

Hoje é aniversário do meu pai. O pior dia possível para um aniversário. Na verdade, o pior dia possível *porque* é o aniversário dele. Há exatamente dez anos, estávamos voltando do jantar de comemoração que uns colegas de trabalho dele organizaram em um restaurante em Argel.

Tenho que pensar nisso, certo? A gente se sente mal quando esconde essas coisas bem lá no fundo, não é? Muito bem. Chega de resistir. Volte para lá, digo a mim mesma, viva aquilo outra vez. Seja corajosa só dessa vez. Faz dez anos hoje.

Minha mãe solta um grito abafado quando viramos a esquina; o

som acorda meu eu de sete anos. Abro os olhos e vejo fogo através do para-brisa. Distingo rostos iluminados pela luz de um carro da polícia em chamas. São homens, uma dúzia, vinte. A maioria usa barba, é jovem e está com a pele alaranjada por conta do brilho das chamas. Deparamos com algo que não tem a ver conosco. Alguma desavença com a polícia militar que a multidão venceu. Os homens ficam curiosos com nossa chegada e espionam pelas janelas do carro, tentando discernir as nacionalidades dos rostos lá dentro.

Minha mãe grita para meu pai voltar. Ele engata a ré e olha por cima do ombro, acelerando. Por um segundo, o Honda dispara para trás, mas, de repente, para. “Tem gente ali atrás”, meu pai grita. “Passa por cima deles”, minha mãe grita em resposta.

Mas ele não vai fazer isso. Ou talvez vá, mas não há tempo. Uma garrafa de vidro se estilhaça contra o teto do carro e fogo líquido escorre como uma cascata pela janela do lado do motorista. É um coquetel molotov, uma garrafa cheia de gasolina com um pedaço de pano em chamas enfiado no gargalo. A granada dos pobres.

Na Argélia, todos os diplomatas aprendem que, se um coquetel molotov quebra contra seu carro, a regra é continuar dirigindo o mais rápido possível e se afastar até estar fora de perigo. Um carro não pega fogo tão facilmente como nos filmes. Ele não explode de imediato. Leva tempo. E é de tempo que você precisa se quiser continuar respirando.

Mas a multidão se aproxima e algo acontece, fazendo o carro morrer. Meu pai tenta dar a partida de novo, uma, duas, três vezes, mas a ignição não funciona. A porta da minha mãe abre, e ela berra quando vê o homem que está do lado de fora. Ela não grita: *berra*. Como se incendiar seu carro e abrir de repente sua porta fosse algo muito grosseiro, e ela fosse reclamar com o superior dele sobre isso.

Não vejo o que acontece em seguida porque meu pai estende a mão e solta meu cinto de segurança. Ele me puxa como se eu fosse uma boneca de pano para ficar perto dele. Eu me lembro de como ele estava sendo duro, e da dor que senti quando me colocou entre os dois

bancos dianteiros. Ele me aperta contra o peito como se estivesse me dando um abraço forte e sai pela mesma porta que minha mãe, a que não está em chamas.

Golpes de porretes e pedaços de pau recaem sobre meu pai. Sinto a força das pancadas em todo o corpo dele. Ele as leva por mim, ou pelo menos a maioria delas. Três ou quatro pancadas acertam minhas pernas, que aparecem embaixo do braço dele. Tento gritar, mas não consigo, porque meu pai está me apertando contra o peito com muita força.

Ele não para de correr até estar longe da multidão. Estou pendurada sobre seu ombro, e ele vira para trás por algum motivo, vira e corre. Então eu fico surda, porque o som da arma dele é muito alto. É como se o fim do mundo estivesse acontecendo a meio metro de distância. Meu pai dispara de novo, e de novo, e de novo, e de novo. Minha visão se estreita até desaparecer por completo quando eu desmaio.

Catorze facadas no peito e no pescoço. Essa é a causa oficial da morte da minha mãe. É o que está escrito no relatório da autópsia. Meu pai só me contou isso quando eu já tinha idade o bastante para perguntar a respeito. Eu tinha nove anos, talvez dez, quando perguntei. Mas não foi só isso, é claro. Coisas aconteceram com ela entre ser tirada do carro e ser esfaqueada. Coisas que meu pai disse que me contaria quando eu fosse mais velha. Nunca mais perguntei, e ele não tocou no assunto. É provavelmente mais fácil para ele se não tiver que contar, e é provavelmente mais fácil para mim se não tiver que ouvir.

Estou no Queens agora, e o trem sai do túnel como um foguete, entrando na área aberta. Ele dá uma guinada, as rodas gritam tão alto que mal consigo ouvir meus próprios pensamentos. Aperto a barra de metal acima da minha cabeça com mais força para não cair. Meu corpo se curva com o impulso do trem. Então ele diminui a velocidade e as rodas guincham sobre os trilhos molhados quando entramos no Queensboro Plaza, cheia de prédios industriais cinzentos, novas torres de apartamentos e lojas muito iluminadas com vitrines anunciando bilhetes de loteria, cigarros e cerveja.

Coloco a mochila nos ombros enquanto o trem para e saio em dis-

parada pela plataforma, deixando as lembranças para trás. Desço as escadas dois degraus por vez, depois três, correndo até lá embaixo. Quando atinjo o nível do solo, vou desviando dos lentos e dos velhos que não têm pressa nenhuma até passar pela roleta. Uns caras que estão na calçada assobiam e mexem comigo. Eles adoram aquilo — o uniforme da escola, a visão rápida de pernas de uma garota de dezessete anos.

Corro. Atravesso a rua em disparada e um táxi desvia e buzina. Corro até meus pulmões queimarem e eu estar encharcada de chuva e suor. Corro até que a raiva cega tenha me lavado inteira, tirando minhas esperanças. E, pela primeira vez, naquela tarde cheia de estrelas e neons, abro meu coração à terna indiferença do mundo.